

PELO MUNDO

CRISTINA RUIZ-KELLERSMANN, de Berlim

Teatro HAU 3, 2, 1

O berlinense Mathias Lilienthal, 52 anos, esteve quase uma década à frente do Teatro HAU (Hebbel am Ufer), um complexo de três salas no bairro de Kreuzberg. No fim de junho, ele abandonou o barco, por vontade própria. Lilienthal, um tipo despojado e despretensioso — cabelos longos arrepiados, sempre de camiseta, jeans e moletom —, assumiu o posto de diretor-geral do HAU em outubro de 2003 e não levou muito tempo para transformá-lo em uma espécie de laboratório social e, muito provavelmente, no teatro mais interessante, ousado e inovador da Alemanha.

A colaboração de Lilienthal é de grande importância para o teatro contemporâneo alemão. Nos movimentados anos 1990, ao lado de Frank Castorf, ele deu cara ao renomado Volksbühne de Berlim. Em 2002, foi chamado para comandar o Theater der Welt, um festival realizado na região industrial do Vale do Ruhr.

Lilienthal sempre foi provocador e costuma lançar mão em seu teatro de um pensamento radical, tanto estético quanto político. Na sua gestão no HAU foram mais de mil produções. Interessado em atrair o público multicultural, predominantemente turco, do bairro de Kreuzberg, Lilienthal faz contato com os artistas turco-alemães da vizinhança. Ao mesmo tempo em que integrava artistas da cidade, alemães ou não, trazia grupos e diretores internacionais para trabalhar no HAU. O coletivo de diretores Rimini Protokoll é o único que tem o HAU como base — diferentemente da maioria dos teatros, o HAU não tem um elenco fixo de atores.

Os temas abordados no HAU colocam o público em contato com diferentes realidades do mundo a cada espetáculo. Lilienthal provocou reações quando deu espaço para as mulheres fundamentalistas islâmicas falarem sobre suas fantasias sexuais na montagem do diretor Neco Celi, ou quando, em uma performance que só podia ser vista através de um buraco de fechadura, do lado de fora de um apartamento residencial, uma mulher toda coberta por véus ia se despindo lentamente até ficar apenas com um lenço na cabeça. O trabalho em questão é de Nurkan Eputlat e fez parte do projeto X-Wohnungen, concebido por Lilienthal, em Berlim. Com temas atuais e geralmente controversos, o HAU testa os limites do espectador, levando-o a refletir e tirar suas próprias conclusões. Mas é claro que as provocações não giram sempre em torno dos turcos e dos costumes muçulmanos. Ninguém é poupado, e sobra para todo mundo.

O HAU não é um teatro convencional onde o público assiste a uma peça, levanta e vai embora. Lá acontecem também espetáculos de dança, exposições-instalações-performances, concertos ou *talk-shows* especiais, como a série "Plattenspieler" ("Tocadiscos"), apresentada pelo escritor e músico Thomas Meinecke uma vez por mês para se ouvir e falar de música, sempre com um convidado especial.

No conceito do HAU tudo pode ser teatro, o mundo deve ser trazido para o palco, e a arte é um contato direto com o mundo real. Assim, após um evento em 2010 em torno do cineasta *under-*

ground americano Jack Smith, o mesmo grupo CHEAP organiza o festival-conferência "Camp-anti-camp — A queer guide to everyday life", que trará a Berlim neste fim de semana uma rodada de debates e performances em torno do *camp*. Desdobrando o tópico introduzido por Susan Sontag em 1964, no ensaio "Notes on camp", e passando pelo termo Tropicamp, criado por Hélio Oiticica em Nova York, a ideia é colocar em discussão o tropicalismo e sua relação com a vanguarda nova-iorquina. Carmen Miranda como ícone *camp* e tropicalista é personagem importante. Nas preliminares para o festival, o cinema Arsenal exibiu "Copacabana", em que Carmen aparece ao lado de Groucho Marx. O módulo Tropicamp tem curadoria de Max Hinderer, da Bolívia, e a concepção geral do evento é de Marc Siegel e Susanne Sachse. Do Brasil, vem Frederico Coelho para compor a mesa de palestrantes.

Projetos dessa natureza definem bem o perfil do local. A cantora canadense Peaches, que mora em Berlim há alguns anos, deixou sua marca definitiva no HAU. Primeiro foi "Peaches Christ Superstar". Em 2011, ela veio com "Peaches does herself", uma ópera rock autobiográfica baseada em 20 músicas da sua carreira. Em 1º de maio ela ataca novamente nos palcos do HAU, estreando no papel principal na ópera "L'Orfeo", de Claudio Monteverdi.

Ainda na fase de despedida do HAU, Mathias Lilienthal irá apresentar dois megaeventos em espaços públicos da cidade. O primeiro será "Unendlicher Spaß", um trabalho em que artistas ligados ao HAU transformam o romance "Infinite Jest", do americano David Foster Wallace, em 12 peças de teatro, ou um espetáculo de 24 horas. Este evento será encenado no extremo oeste da capital, oferecendo ao público programação e deslocamento intensos. Já "Die große Weltausstellung 2012" (a grande exposição universal de 2012) irá ocupar o ex-aeroporto de Tempelhof inteiro, com seus 15 pavilhões, no molde das grandes feiras. Mais detalhes sobre os convidados deste evento ainda não estão anunciados.

Nos últimos nove anos, o grupo do HAU conseguiu levar o mundo para dentro do teatro e o teatro para as ruas de Berlim. Tratar questões locais como temas globais e vice-versa. Para Lilienthal, terminar sua fase de HAU com esses projetos é bastante simbólico. "O que estou querendo fazer é deixar uma situação boa para a minha sucessora, todos vão pensar: até que enfim acabou a loucura", disse ele, no seu jeito um pouco cínico, à revista "Zitty".

No conceito do HAU tudo pode ser teatro, o mundo deve ser trazido para o palco, e a arte é contato direto com o mundo real